

Tempos ruins: nada para roubar e ninguém para ser  
[roubado.

As legiões retornam de mãos vazias de suas  
[expedições distantes.

Uma sibila confunde o passado com o futuro como  
[se fosse uma árvore.

E atores que agora ninguém aplaude  
esquecem as falas principais. Esquecer, no entanto,  
[é a mãe

dos clássicos. Eventualmente estes anos  
também serão vistos como um bloco de mármore  
com uma rede de capilares (o aqueduto, o sistema  
de tributação, as catacumbas, a boataria),  
e um tufo de grama saindo de dentro da rachadura.  
Considerando que era uma época de pobreza e  
[aborrecimento,

em que não havia nada para roubar, menos ainda  
[para comprar,  
presentear nem se fala.

A culpa não foi do César, que sofreu mais que o  
[resto

pela ausência do luxo. Nem se deve culpar as  
[estrelas,

uma vez que a neblina alivia os planetas da  
[responsabilidade

sobre o terreno ocupado: uma ausência  
não pode influenciar uma presença. E é  
precisamente aqui onde

o bloco de mármore começa, porque o ponto de  
[vista

é inimigo da perspectiva. Talvez simplesmente  
as coisas, mais rápido que os homens, perderam  
seu desejo de se multiplicar. Neste cativado branco.

Joseph Brodsky  
[trad. Cesare Rodrigues]

Circula por aí: *Monstruosidades*, da **Ana Rüsche**, pela  
Nosotros. | *Destes tempos*, do **Hélio Neri**, pela Ave de  
Rapina. | *Quarenta*, do **Sérgio Fantini**, pela Pulo. | *Outra  
língua entre os dentes*, da **Chantal Castelli**, pela Galileu.

«Ando um pouco preocupado com relação à forma. A arte  
do poema, hoje em dia, é uma coisa instável; mas a  
construção do poema deveria fazer sentido, no mínimo.  
Você deveria saber em que terreno está pisando. Muitas  
perguntas ainda não foram respondidas. Nossos poetas  
podem estar errados; mas o que mais qualquer um de nós  
pode fazer com o talento, a não ser tentar desenvolver a  
imaginação, e, através das falhas, entender com maior  
clareza o que deixamos passar anteriormente?» William  
Carlos Williams, aos 79 anos, em entrevista a *Paris  
Review*, em 1962. [Fluxos agradece a Cesare Rodrigues]

«Então, eu poderia estar fazendo palavras cruzadas ou  
montando quebra-cabeça, preferi mexer com poesias.  
Mas mexer com poesia de maneira pouco ortodoxa,  
porque acho que se é possível dizer que a propriedade é  
um roubo, a propriedade intelectual seria um roubo, e  
então, a expropriação é um legítimo direito. Eu parto do  
princípio de que sou um plagiário, e não respeito a  
propriedade intelectual de ninguém. Esse é o meu ponto  
de partida. Como plagiário, eu mexo com coisas minhas e  
dos outros. Pouco importa se a idéia é minha ou de  
outrem. Eu ponho o meu nome embaixo de coisas que  
não são minhas e ponho o nome de outras pessoas em  
coisas que são minhas.» Glauco Mattoso (em 1980)

FLUXOS, microjornal de poesia, é editado por  
Paulo Ferraz, Renan Nuernberger e Tarso de Melo

SP | periodicidade temperamental | tiragem improvável  
arquivos disponíveis em [tarsodemelo.wordpress.com](http://tarsodemelo.wordpress.com)  
reprodução livre: leia, imprima, compartilhe | obrigado



Edgard Braga  
["sem título", em MUROGRAMA, 1982]

## Carne envelopada pelo vento

Carne envelopada pelo vento,  
sei o que  
é respirar enquanto  
a costela  
racha.  
Como um país: o sangue crepitando.  
(E as vogais  
exiladas da fala.) Pânico  
nenhum  
envelhece intacto:  
o sol  
— esguio — se encaixa nos  
lábios  
das feridas que  
acordam já  
aguçadas. Prontas para  
capturar  
o sabor abaulado  
da ausência  
de cálculo.

*Casé Lontra Marques*

---

«É um profundo erro seu acreditar que é da moderação ou do “egoísmo moderado” que saem as maiores invenções ou as obras-primas da arte. Para toda grande obra é necessário paixão, e para a Revolução é necessário paixão e audácia.»  
Ernesto Che Guevara, em carta à sua mãe, 15 de julho de 1956.

---

## depois da doutrina do choque

agora que os céus caem  
agora que os demônios são meus olhos  
agora que 16h20 é alta madrugada  
agora que 666 é um número de crianças  
agora que o céu cai  
e que nada pode ficar  
e que nada pode ficar  
e que nada pode ficar

talvez vc tenha que começar a correr

*Ana Rüsche*

## O gesto

A questão é: como segura uma maçã  
Alguém que gosta de maçãs

E como manuseia  
o lixo? A questão é

Como se retém uma coisa  
na mente quando se pretende

apreendê-la e como o vendedor  
segura o bibelô que pretende

vender? A questão é  
Quando não haverá uma centena

De poetas que confundem esse gesto  
Com estilo.

*George Oppen*  
[trad. Cide Piquet]

---

Sim mais alto  
do que nós estão  
um outro alfabeto  
outras

cifras.  
Vocês sabiam os horizontes  
que oscilam  
transbordam  
a espessura  
enseadas para morrer  
no lugar  
que nenhuma memória  
inquieta?  
Lá florestas bordam  
nossas fossas  
enterram  
o Verbo.

*Esther Tellermann*  
[trad. Patrícia Lavelle]

# corpo ração

*Ronald Polito*

---

## No Pére Lachaise

Enquanto visito o túmulo  
de Sadeh Hedayat,  
escritor persa que se suicidou em 1951,  
abrindo o gás no nº 37 da Rue Championet,  
meus olhos passeiam inquietos;  
os sentidos, fugidia embarcação,  
procuram no oceano de jazigos  
e sua vegetação de ausências  
um último sentido para a vida  
e afundo-me no inominado  
nessa coleção de oráculos do Nada  
aqui, onde a morte nunca envelhece.

Vizinho de Proust,  
o autor de “Coruja cega”  
divide na tarde parisiense,  
despovoada e sombria,  
um silêncio tão pesado  
quanto o maciço de Damavand.

Vou em busca de um tempo perdido  
em meio dessa colônia inerte  
onde cresce a linguagem das sombras  
e penso em Atma, o cão de Schopenhauer,  
e no quanto foi mais feliz  
que o resto da Humanidade.

*Ronaldo Cagiano*